

A SOCIEDADE DE CORTE ISABELINA – UM MICROCOSMO DE CULTURA E CERIMONIAL NO ESPAÇO EUROPEU DE QUINHENTOS

Maria de Jesus Crespo Candeias V. Relvas
Doutora em Letras / Literatura Inglesa
Professora Auxiliar
Universidade Aberta
Portugal
jvrelvas@univ-ab.pt

RESUMO

Os reinados de Henrique VIII e Isabel I de Inglaterra decorrem durante o período lato do Renascimento, com toda a sua complexidade, diversidade de influências e grande dinamismo. De um modo *sui generis*, nunca antes experimentado e nunca mais repetido, assistiu-se ao alargar do mundo, à percepção de novos espaços, novas gentes e estranhas formas de vida; assistiu-se ao substituir extraordinário de uma concepção do universo, que alterou radicalmente uma mundividência de séculos, e a profundas mudanças religiosas, através dos ventos da Reforma, num panorama de igual ancestralidade; assistiu-se ainda ao acesso, também extraordinário, a inúmeras obras da Antiguidade Clássica e a versões originais das Sagradas Escrituras.

Em semelhante contexto, a sociedade enfrentou novas realidades e grandes desafios. O mundo abriu-se ao exterior em todos os sentidos, através das viagens por mar, ao encontro de outros territórios e de outros povos; através do estudo do espólio redescoberto pelos Humanistas e das traduções para vernáculo; através dos *curricula* por eles instituídos nas universidades, destinados aos nobres e aristocratas que passaram a ter papel fulcral na nova sociedade de corte, juntamente com monarcas também cultos e instruídos. A *praxis* sobrepôs-se, pois, à *gnosis*. O novo conceito de sociedade de corte é comum ao espaço europeu e radicará – directa ou indirectamente, mais ou menos tardiamente – na complexidade acima mencionada que caracterizou o amplo fenómeno do Renascimento; ou seja, um estará sempre relacionado com o outro.

Tendo esse espaço em consideração, os vectores que acima referi e as várias produções literárias da época, centradas no Príncipe e no Cortesão, tentarei delinear os aspectos pertinentes da sociedade de corte isabelina, em que se destaca uma munificente produção literária, grandemente inspirada pela sua emblemática ‘Faerie Queene’.

As famosas palavras de Neil Armstrong ao chegar à Lua – “um pequeno passo para o Homem, um grande passo para a Humanidade” – não deixam de estabelecer paralelo com as viagens marítimas portuguesas e espanholas de entre Quatrocentos e Seiscentos. Então, rumando ao literalmente desconhecido, em condições de extrema precaridade e adversidade, as viagens dos navegadores constituíram, essas sim, passos gigantescos para o Homem, bem mais ousados e amplos do que os de 1969, já que alteraram pela primeira vez, de modo radical, o conceito da própria Humanidade. O espaço conhecido havia séculos alargou-se, mostrando realidades até ali inimagináveis: faunas e floras tão exóticas, raças, fisionomias e costumes tão diferentes dos da velha Europa que parecia impossível pertencerem ao mesmo microcosmo de onde tinham partido os marinheiros. Mas os horizontes abrir-se-iam ainda numa outra dimensão, menos literal, bem mais abrangente, envolvendo alterações profundas na mundividência, nas relações humanas, na reflexão sobre o homem, a natureza e a criação, na forma de entendimento da religião e de Deus,

instilando insegurança e cepticismo. Afinal, existiam outros homens e outros mundos em nada semelhantes à concepção desde sempre vigente.

Este período lato marcado por tanto dinamismo a tantos níveis, que engloba os Descobrimientos e o Renascimento, que assiste ao início da Revolução Científica, mas que, em simultâneo, absorve a tradição medieval, numa simbiose única, é marcado por três factores decisivos na alteração da mundividência: as descobertas no campo da astronomia, levadas a cabo sobretudo por Copérnico, Galileu, Kepler e Brahe; o acesso ao espólio da Antiguidade Clássica, através dos Humanistas, o qual tinha sido barrado durante tanto tempo pelo Império Otomano mas também pelo encapsulamento da atitude e das condições medievais; e, por fim, as teses luteranas e calvinistas, liderando o processo da Reforma. Assim, à abertura literal do e no mundo e à percepção de universos extensíssimos, juntou-se um viajar metafórico de teor intelectual amplo que as traduções de inúmeros textos para línguas vernáculas, inclusive os das Sagradas Escrituras, em grande parte proporcionaram.

Às reflexões de natureza filosófica juntaram-se outras, de natureza prática, suscitadas pelos desafios do mundo em mudança, do convívio e do relacionamento também com as nações do ocidente. Aprender e saber tornam-se assim paradigmas essenciais do novo tempo e da nova sociedade, implicando um virar para o exterior, numa postura predominantemente dinâmica que se demarca de uma atitude predominantemente contemplativa – a *praxis* sobrepõe-se à *gnosis*. O processo educacional passaria a abarcar não só as disciplinas de estudo, organizadas em novos *curricula*, mas uma formação completa, virada para as relações diplomáticas e sociais, desde a arte da guerra e de “bem cavalgar toda a sela”, à arte da eloquência, no falar e no escrever, à composição e execução musicais e ao domínio de várias línguas. A par, assiste-se a uma tendência generalizada para sistemas governativos de monarquias centralizadoras e/ou absolutistas, pelo que as cortes começam a revestir-se de determinadas características.

Em Inglaterra, a panorâmica que acabei de mencionar delineia-se em pleno no reinado de Isabel I, porque a nação não liderou o processo dos Descobrimientos, ao contrário de Portugal e de Espanha (viria a liderar, sim, o processo subsequente, ou seja, o das grandes transacções comerciais), o Renascimento viria ali a ser tardio quando comparado com o italiano, e a Reforma assumiria contornos muito especiais, diferentes, em suma, dos do norte da Europa. A estabilidade conseguida pela soberana, após tempos conturbados, a imagem que projectou de si própria e o conjunto dos seus cortesãos formam a base de uma das sociedades de corte mais emblemáticas da época. Na era de Quinhentos, observam-se, pois, situações contemporâneas antitéticas em Inglaterra e em Portugal. Isabel I subiu ao trono em 1558, D. Sebastião no ano anterior, se bem que ainda criança; mas enquanto ali terminava um período de indefinições e desnorte e se iniciava uma idade de ouro carismática, cujo centro era a jovem rainha, aqui terminava uma outra idade de ouro e opulência, iniciando-se um período profundamente nostálgico que culminaria no desaparecimento do jovem rei em Alcácer-Quibir e, depois, na perda da independência. Na corte inglesa imperava o júbilo, olhando-se para o futuro; na portuguesa o desânimo, olhando-se para o passado.

O emblematismo de Isabel I encontra-se registado de forma peculiar em inúmeros e bem conhecidos retratos, de entre os quais destacarei *The Rainbow Portrait*, *The Armada Portrait*, *The Phoenix Portrait*, *The Pelican Portrait*, *The Ermine Portrait*, *The Ditchley Portrait* e *The Darnley Portrait*, por exibirem a soberana em todo o seu esplendor e por estarem pejados de elementos simbólicos de extrema relevância para o entendimento de todo um contexto. Segundo creio, as imagens que esses retratos projectam constituem as marcas do poder, da magnificência e da realeza em superlativo que a própria rainha

pretendeu literalmente impor no seu tempo, na sua corte e na sua nação; por outro lado, para além da riqueza de tecidos e jóias, revelam, metonimicamente, uma época que começava a ser para Inglaterra de grande poderio. Por exemplo, *The Armada Portrait* exhibe, como pano de fundo, a Invencível Armada que Isabel – Gloriana, em versos dos seus cortesãos-poetas – logrou vencer, contra todas as expectativas; *The Ditchley Portrait* mostra a rainha de pé, sobre um *mapa mundi*, enfatizando o início de um poderoso império que só se desvaneceria séculos mais tarde; *The Rainbow Portrait* exacerba, *in extremis*, o que todos os outros patenteiam em contínuo: a virgindade da soberana, simbolizada pela profusão de pérolas que a adornam de alto a baixo, e que, por sua vez, simboliza algo vital, de grande amplitude: a independência da nação inglesa.

A obra de Norbert Elias intitulada *A Sociedade de Corte (Die Höfische Gesellschaft*, no original alemão), fornece, ainda hoje, os dados mais pertinentes acerca das especificidades do fenómeno iniciado no Renascimento, observado de alguma forma na corte de D. Manuel I, claramente patente no mundo cortês de Isabel I e levado ao extremo na corte francesa do ‘Rei-Sol’. De acordo com Elias, a corte ultrapassa o palácio que se habita ou o lugar onde se está, correspondendo à formação de um novo espírito, de uma sociedade restrita onde só alguns cabem e são aceites. Nesta perspectiva, e em específico no caso inglês, a corte estende-se, por assim dizer, às mansões não cidadinas dos aristocratas e dos nobres, muitas delas importantes círculos literários, visitadas periodicamente pela soberana durante os seus célebres ‘progresses’¹ de Verão, onde se encenavam espectáculos, decorriam banquetes, caçadas e torneios, onde se liam as criações literárias dos seus cortesãos-cavaleiros-poetas, onde circulavam manuscritos que todos, inclusive as damas, liam e debatiam. Estes círculos literários constituíram elementos fundamentais na proficuidade e qualidade da literatura da época: os mecenas, sendo também autores – por exemplo, os irmãos Sidney (Philip, Robert, Mary) e Sir Walter Raleigh, para citar apenas alguns – patrocinaram outros autores, por exemplo William Shakespeare, Edmund Spenser, Ben Jonson, também para citar apenas alguns, e financiaram diversos eventos culturais, com destaque para as representações dramáticas.

No ambiente cortês, estarão sempre em relevo as relações sociais e toda uma ética, muito interessando como e com quem se convive. A formulação mais afoita e sintomática dessa ética encontra-se expressa em textos do Continente, não contemporâneos entre si: *Il Cortegiano* (1508; 1528), do italiano Baldassare Castiglione, e a trilogia *El Héroe* (1637), *El Discreto* (1646) e *Oráculo manual y arte de prudencia* (1647), do espanhol Baltasar Gracián. Castiglione escreve no apogeu da ética renascentista e cortês que influenciou directamente a Inglaterra isabelina. A sua obra renasceria, por assim dizer, na tradução inglesa de Sir Thomas Hoby em 1561 (*The Book of the Courtier*) e na formação do mundo cortês isabelino, tendo-se nele projectado e tendo nele encontrado um novo espaço capaz de o assimilar e de seguir os seus princípios. A obra de Gracián é posterior à era isabelina e, por tal motivo, não se projectou no espaço inglês de então, nem o influenciou. Por exemplo, *El Héroe* seria traduzido por Skeffington apenas em 1652 (*The Hero*). No entanto, nela se vê, absolutizada, a ética da sociedade de corte que tantos elementos importantes providenciará ao entendimento da conjuntura.

Os pressupostos de Castiglione encontram-se, de facto, no espaço e no tempo, com os cortesãos e as damas a quem se dirigem: os diálogos ocorrem na corte de Urbino e são proferidos por figuras a ela adstritas, delineando a imagem do perfeito homem de corte. Ser

¹ Durante o Verão, era usual a rainha sair de Londres, com vasta comitiva, e percorrer determinado itinerário, ficando, durante temporadas de duração variável, nas mansões dos seus cortesãos. Essas “peregrinações” denominavam-se ‘progresses’.

cortesão ultrapassa também o sentido óbvio, significando uma condição que implica um manancial de saber ser, estar e agir, revelando, por outro lado, a simbiose fortíssima de valores renascentistas e medievais, bem visível no discurso de *Il Cortegiano*:² à origem nobre (31), graciosidade e beleza físicas (38) dever-se-ão juntar os feitos de armas, a coragem, o sentido do dever e a fidelidade (35), inerentes ao exímio cavaleiro (41); mas a tais atributos, de raiz medieval, vem juntar-se agora a faceta do conselheiro, do confidente e do diplomata, cujo papel é vital junto do Príncipe (35, 261). O manejo de armas, que prepara o cavaleiro da nova era para eventuais conflitos e para a manutenção da paz em territórios mais ou menos longínquos, relacionar-se-á, em simultâneo, com actividades lúdicas que incluem os desportos (40-41), a prática musical e artística (48-49), o dom do falar eloquente e da prática literária (50-51). Castiglione enuncia ainda determinados princípios quando considera as virtudes ideais de temperamento e conduta. A imagem multifacetada abrange, pois, as qualidades inatas e a educação que as poderá e deverá desenvolver. Pretende-se uma inserção no mundo e um saber agir e movimentar-se com à-vontade em todas as circunstâncias. Este é, aliás, o conceito educacional do ‘gentleman’ que, inserido num outro mundo e numa outra realidade, vamos também encontrar no século XIX inglês.

Mas, se através de *Il Cortegiano* compreendemos as marcas caracterizadoras da sociedade de corte isabelina, através dos textos de Gracián,³ que se complementam e dirigem, da mesma maneira, a um mundo cortês, podemos perceber o seu traço evolutivo. Na obra italiana, os isabelinos procuraram encontrar a essência teórica que os regesse e aproximasse de um ideal cortês, ao passo que nas obras espanholas podemos verificar que a idade de ouro inerente a esse ideal se esgotara, pois o mundo cortês que nelas se vislumbra aponta para um espaço negativo, onde grassam intrigas, corrupção e perda de ideais. Em *Oráculo manual*, Gracián enuncia conselhos e advertências de extrema relevância para qualquer época, afinal sempre actuais. Eis apenas alguns exemplos:

84. *Saber usar de los enemigos*. ... Más fiera es la lisonja que el odio... (169)
86. *Prevenir las malas voces*. ... Es muy fácil de cobrar a siniestra fama, porque lo malo es muy creíble y cuesta mucho de borrarse. ... (170)
97. *Conseguir y conservar la reputación*. Es el usufructo de la fama. ... (172)
109. *No ser acriminador*. Hay hombres de genio tan fiero... a todos condenan, a unos porque hicieron, a otros porque harán. ... (176)
111. *Tener amigos* Es el segundo ser. Todo amigo es bueno y sábio para el amigo... (177)
114. *Nunca competir*. ... la competencia tira luego a desdorar, por deslucir. Son pocos los que hacen buena guerra. Descubren la emulación los defectos que olvidó la cortesía... (177)
119. *No hacerse de mal querer*. No se ha de provocar la aversión... Previne la malevolencia a la obligación. ... (179)
165. *Hacer buena guerra*. ... cada uno ha de obrar como quien es, no como le obligan. Vencer a lo ruin no es gloria, sino rendimiento. ... (193)

² As páginas das obras citadas, indicadas em Bibliografia, surgem entre parênteses, após cada referência ou citação.

³ Veja-se também a obra de Gracián *Agudeza y Arte de Ingenio* (1648).

A prudência destaca-se como linha-condutora dos inúmeros conselhos que talvez estejam, em potência, concentrados no seguinte: “118. *Cobrar fama de cortês*: ... Es la cortesía la principal parte de la cultura ... así como la descortesía, el desprecio y enfado universal” (178). Para além do carácter normativo e aconselhador, os textos espanhóis são regidos por dois traços primordiais, igualmente relevantes em qualquer época – o ‘saber’ e o ‘saber viver’: “Hay mucho que saber, y es poco el vivir, y no se vive si no se sabe” (147).

Em primeiro lugar, a ética comportamental das linhas de Gracián relaciona-se com as virtudes morais que conduzem a um espírito bem formado: a inteligência, a cultura, a precaução, a cortesia, a generosidade, entre outras. No capítulo “De la Vida de un Discreto”, encontramos as atribuições do perfeito cortesão, com a tónica no aprender e no saber: “si tanto es uno más hombre quanto más sabe, el más noble empleo será el aprender” (132).

Gracián estabelece três períodos imprescindíveis no processo educacional completo, os quais se desdobram nas práticas a que aludi: o estudar, o peregrinar ou viajar, e o meditar ou reflectir (132-135). O estudar é delineado segundo os *curricula* humanistas, com uma diversidade notória de disciplinas, desde as línguas estrangeiras, antigas e vernáculas, passando pela Poesia (entenda-se como Literatura), a História, a Filosofia, a Cosmografia, a Astrologia/Astronomia e a Bíblia, e destacando inúmeros autores clássicos – Horácio, Marcial, Séneca, Platão, Lucílio, Epicteto, Plutarco, Esopo (133-134); o peregrinar refere-se às viagens por Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, “Moscovia” e Itália, visitando as cortes dos grandes príncipes e conhecendo os eruditos que ali se movem (134-135); o meditar é, para Gracián, a fase primaz: “Él [discreto] pondera, juzga, discurre, infiere y va sacando quintas esencias de verdades” (135).

As virtudes e os conteúdos educacionais evitarão o declínio pessoal e conduzirão à arte de viver que poderá sobrelevar a adversidade, num universo cada vez mais complexo no que toca às oportunidades geradoras de interesses. É que a grande abertura espacial através dos mares fez surgir então um sem-número de cargos administrativos, governativos e militares, de embaixadas e missões diplomáticas, para além dos cargos oficiais internos. Não esqueçamos que estas actividades se distinguiam das de outros grupos sociais, por exemplo, das da burguesia historicamente ascendente, cujo objectivo primordial era o lucro. O serviço dos aristocratas e nobres aos seus monarcas implicava antes um sentido de obrigação, de missão, de dever, e nem sequer significava necessariamente qualquer forma de pagamento. Pelo contrário, era usual os rendimentos esgotarem-se em despesas de representação, com as viagens, o vestuário condigno, a criadagem e os presentes, para não falar das despesas que os ‘progresses’ reais envolviam e que nalguns casos resultou em bancarrota para o anfitrião.

Em simultâneo, à medida que o mundo cortês isabelino se tornava mais complexo, elaborado e sofisticado, e tal como costuma acontecer em semelhantes circunstâncias, as relações no seu seio tornaram-se também mais complexas e problemáticas. Não raro, gerou-se um espírito de competitividade e de ambição, regido pela intriga e contrário ao ideal que Gracián esboça. Vários cortesãos incompatibilizaram-se com os seus pares e perderam a confiança da rainha; vários favoritos caíram literalmente em desgraça (e os casos mais conhecidos são os de Essex e Raleigh que implicaram prisão e execução).

O século XVI inglês parece, assim, situar-se entre os pressupostos dos dois autores: a época constitui uma idade de ouro em muitos aspectos, mas vai-se esgotando gradualmente; tem muito de Castiglione, mas aponta para Gracián.

No entanto, segundo creio, o traço relevante da corte de Isabel I que sempre prevalecerá é o da positividade. Por seu turno, a imagem idealizada do cortesão, descrita e

prescrita nas obras a que aludi, projecta-se no cortesão isabelino com particular nitidez. Os homens que se moviam na corte e que a faziam mover foram, de facto, educados com eficácia para desempenhar os cargos administrativos de um mundo em expansão em todos os domínios, servindo e aconselhando a sua soberana. Depois de estudarem em casa com ‘tutors’, juntamente com as irmãs, frequentavam as universidades, aprendiam as regras de etiqueta e protocolo e viajavam pela Europa, no famoso ‘Grand Tour’, vivendo temporariamente nas várias cortes, convivendo com outros cortesãos e homens da cultura, num verdadeiro intercâmbio cultural e ideológico; manejavam com destreza as armas, combatendo quando e onde necessário (assinale-se que o conflito com a Irlanda era permanente) e participando em torneios que prosseguiam uma tradição medieval ainda bastante forte em determinadas esferas; criavam literariamente em vernáculo, dominando a arte da retórica e da eloquência, assim como o Latim e o Grego, inspirando-se nas grandes tradições clássicas, italianas, neoplatónicas e autóctones, estas de origem celta e bretã, que lhes serviam de fonte. O resultado foi um conjunto imenso de grande qualidade, produzido por um conjunto também imenso de autores, num período áureo em todos os aspectos (“a time when England was populated by titans”,⁴ segundo uma autora nossa contemporânea), no seio de uma corte cujo dinamismo e magnetismo, estendendo-se ao tempo de Jaime I, brotaram essencialmente da filha protestante de Henrique VIII, durante todo um reinado de 46 anos. Isabel foi a figura inspiradora dos seus cortesãos-poetas. Os nomes femininos que dão título à maioria das sequências líricas isabelinas – *Delia*, *Licia*, *Diana*, *Coelia*, *Cynthia*, *Chloris*, *Alba*, *Astaoea*, *Aurora*, *Caelica*, citando apenas algumas – correspondendo às instâncias amadas e idealizadas pelo ‘eu’ lírico, têm como referente último *Elizabetha Regina*, Elizabeth Tudor, constituindo tributos àquela que Edmund Spenser também tinha em mente quando escreveu *The Faerie Queene*, o longo poema épico, para a sua ‘Fairy Queen’.

BIBLIOGRAFIA:

CASTIGLIONE, Baldassare. *The Book of the Courtier*. (1508). Trad. Sir Thomas Hoby. London: Dent and Sons, 1959.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. (1969). Trad. Ana Maria Alves. Lisboa: Estampa, 1987.

GRACIÁN, Baltasar. *Agudeza y Arte de Ingenio*. (1648). Madrid: Espasa-Calpe, 1974.

----- . *El Héroe / El Discreto / Oráculo manual y arte de prudencia*. (1637. 1646. 1647). Ed. Luys Santa Marina. Barcelona: Planeta, 1984.

HAY, Millicent. *The Life of Robert Sidney, Earl of Leicester (1563-1626)*. Washington: Folger Books, 1984.

⁴Millicent Hay 15.